Da autora de *Holocausto brasileiro* e *Cova 312*

DANIELA ARBEX

OS DOIS MUNDOS DE ISABEL

A SAGA DA MENINA QUE NASCEU NO SERTÃO MINEIRO, EM 1924, E COM APENAS 9 ANOS PASSOU A VER E OUVIR COISAS QUE NINGUÉM COMPREENDIA

intrínseca

intrínseca

DANIELA
ARBEX

OS DOIS MUNDOS DE ISABEL

A saga da menina que nasceu no sertão mineiro,
em 1924, e com apenas 9 anos passou a
ver e ouvir coisas que ninguém compreendia.

E se o mundo que você conhece
for diferente de tudo que já viu? O dela é.

1. DESCOBERTA DE UMA FARSA

6

Quando a sirene tocava, às cinco da tarde, os alunos sabiam que mais um dia terminava na rua Tenente Luís de Freitas. Não demorava muito e o prédio da Fábrica Escola de Laticínios Cândido Tostes, no bairro Santa Terezinha, em Juiz de Fora, ficava vazio. O burburinho, no entanto, continuava pelos corredores do edifício projetado inicialmente para abrigar uma cadeia pública. Atraídos pela fama da instituição, que funcionava em regime de internato, jovens dos quatro cantos do país e até do exterior — principalmente Paraguai, Chile e Argentina — disputavam uma vaga na escola profissionalizante, onde a disciplina era mantida com rédeas curtas.

A chegada ao dormitório só era tolerada até as dez da noite, exatamente o horário em que o bonde da Companhia Mineira de Eletricidade realizava sua última viagem pela linha da Tapera. Quem infringisse as regras corria o risco de ficar sem condução e sem cama quente, o que era um mau negócio, considerando as noites geladas da Zona da Mata, região sudeste de Minas Gerais. Antes de as luzes serem desligadas no quarto dos hóspedes — como

os estudantes eram chamados —, eles conversavam e ouviam rádio, cuja popularidade movimentava a vida nacional naquele maio de 1946.

A rigidez da rotina, porém, foi quebrada na madrugada em que dois alunos desceram, apressados, os 27 degraus que separavam o dormitório da portaria do prédio administrativo. Orientados pela luz de uma lanterna, eles tentavam chegar ao Laboratório de Análises sem serem vistos. Escondiam-se de Sebastião Cabeça, um dos vigias que serviam o lanche noturno para os garotos. Como não havia nem sinal do encarregado pela ronda, a dupla correu pelo extenso pátio interno até o edifício anexo, cuja porta principal fora deixada propositalmente aberta por eles.

Aflitos, os dois jovens passaram as horas seguintes esforçando-se, em vão, para consertar a peça de uma centrífuga que eles haviam danificado durante uma aula prática. Um dos equipamentos mais caros da escola, a centrífuga fora adquirida logo após a inauguração da instituição, criada em 1935 por decreto do governador de Minas Gerais, Benedito Valadares, de grande influência na época. A escola seria inaugurada cinco anos depois com grande festa. A pedido do presidente Getúlio Vargas, o nome da instituição foi escolhido como uma homenagem ao maior cafeicultor do estado: Cândido Teixeira Tostes, o Candinho, também chamado de Rei do Café, falecido em 1927, aos 85 anos.

Íntimo dos Tostes, o presidente do Brasil se hospedava com frequência em uma das propriedades do Rei do Café, a bela Fazenda São Mateus, cuja arquitetura era um símbolo da aristocracia cafeeira. Localizada em Juiz de Fora às margens do rio do Peixe, a fazenda chegou a ter mais de duzentos escravos. No auge do ciclo do café, que percorreu todo o século XIX se estendendo até os anos 1930, cerca de 25 mil sacas do produto eram extraídas anualmente da propriedade de Candinho.

Nas viagens que fazia à cidade mineira, Getúlio ia acompanhado pela esposa, Darci, e pela filha Alzira, além de sua comitiva. Encantado com o lugar, ele se valia da passagem pela fazenda para praticar dois de seus hobbies:

a caça e a cavalgada, sempre vestido a caráter. Foi o que fez no ensolarado amanhecer do dia 19 de abril de 1934. Pisou no espaçoso salão de refeições da casa-sede com botas de montaria até a altura dos joelhos, casaca de seis botões, gravata listrada e chapéu-panamá e, antes das nove da manhã, já cruzava a entrada principal da propriedade, cercada por palmeiras-imperiais. Montado em um cavalo branco, ele costumava explorar boa parte dos mais de 400 hectares da fazenda.

Enquanto o presidente cavalgava, Darci aproveitava a fresca da extensa varanda do casarão para folhear o jornal carioca *A Noite*, cujos exemplares levava consigo na bagagem. Sediado na Praça Mauá, no Centro do Rio, o vespertino noticiava de tudo, desde o aumento da gasolina — naquele tempo grafada com z — até os crimes de honra praticados por maridos traídos. Lisonjeados pela presença do clã de Getúlio em suas terras, os herdeiros do Rei do Café mandaram construir um cômodo especial, perto do bosque, para abrigar as pacas capturadas por seus empregados ao longo do ano. Dessa forma, quando o presidente estivesse de visita e saísse para caçar, os animais seriam soltos perto do local onde ele passaria, a fim de garantir que os tiros presidenciais encontrassem os alvos. Dessa forma, todo mundo ficava feliz, principalmente o convidado ilustre, que, sem saber da artimanha, estava cada vez mais convencido da excelente qualidade de sua pontaria.

Foi na São Mateus, para onde a sede do governo de Minas chegou a ser transferida em 1935, que surgiu a ideia de dar outra destinação ao prédio da penitenciária que estava sendo construída em Santa Terezinha. Com o desenvolvimento industrial leiteiro em franca expansão no país, nada mais apropriado para um Brasil ruralista do que vincular uma escola de laticínios ao mundo do trabalho. Assim, morreria o projeto da cadeia e nasceria a primeira fábrica escola da América Latina tendo como matéria-prima o leite. As celas do presídio, que já estavam prontas, foram adaptadas e transformadas em salas de aula.

Parte do time de professores responsáveis pelo ensino na Cândido Tostes foi trazida da Dinamarca pela Secretaria de Agricultura de Minas Gerais. Com um corpo técnico ultraqualificado e equipamentos importados da Europa, a Cândido Tostes logo se notabilizou no cenário nacional. Formar-se na instituição tinha um alto custo, porém compensava, já que abria portas para o futuro. Exatamente por isso Romero e Lúcio, os jovens que danificaram a peça da centrífuga do Laboratório de Análises de Leite naquele maio de 1946, temiam tanto pelas consequências de sua negligência. Serem expulsos e voltarem para casa sem o diploma do ensino médio estava, definitivamente, fora de seus planos. Fariam qualquer coisa para permanecer matriculados, até mesmo um desonroso pacto de silêncio: jamais denunciariam um ao outro.

Embora cansados por terem passado a noite em claro tentando consertar a peça, a dupla tomou café no refeitório às sete e dez da manhã, como de costume. Eles não queriam levantar suspeitas. Vestidos com o macacão azul do instituto, levavam na mão o jaleco e o casquete brancos, de uso obrigatório durante as aulas. Os rapazes ainda estavam no refeitório quando souberam que o caminhão de leite estacionara em frente ao prédio da escola, sinal de que haveria aula prática na fábrica em que os produtos eram confeccionados com matéria-prima adquirida na São Mateus e em outras propriedades da região. O fornecimento chegava a mil litros de leite por semana.

Romero sentiu certo alívio ao perceber que o dia seria dedicado à fabricação de queijos, entre eles, o minas padrão, que se tornaria famoso em todo o país. Os queijos mais consumidos nas mesas das famílias abastadas eram os suíços e os dinamarqueses, mas a Cândido Tostes mudaria esse hábito ao garantir qualidade ao produto nacional. Com as tarefas direcionadas para a produção de queijo, pensou Romero, os funcionários demorariam a descobrir os danos causados à máquina do laboratório, que ficava no mesmo terreno da fábrica, mas em outro prédio. Assim, ele e o amigo teriam mais tempo para encontrar uma saída para a enrascada em que haviam se

metido. Recrutados pelos professores, eles foram encaminhados para trabalhar no grupo de alunos que deveria se dirigir ao tanque, onde a massa dos queijos era preparada. Passariam toda a manhã bem longe do laboratório, dirigido pelo bacteriologista dinamarquês Frode Madsen, especialista em leite e subprodutos.

Contratado como funcionário da escola havia dois meses, Jonas Bomtempo chegou à Cândido Tostes para trabalhar naquele dia pouco depois das sete da manhã. O jovem de 22 anos sentia-se realizado com a oportunidade de lecionar Química no instituto em que havia se formado laticinista dois anos antes. Conseguira o cargo por seu bom desempenho como aluno da fábrica escola, mas também pelo retorno de alguns professores dinamarqueses a seu país de origem após o término da Segunda Guerra, em 1945, abrindo vagas na composição do corpo docente.

Ao passar pelo portão do prédio administrativo, o novo professor avistou uma das funcionárias do Laboratório de Análises de Leite. Descendente de uma família libanesa, Isabel Salomão começara a trabalhar na Cândido Tostes aos 18 anos como auxiliar de cozinha na época em que Jonas iniciara seus estudos, também aos 18. Com uma beleza rara, a jovem, esguia em seus 1m70, chamava a atenção por onde passava. De olhos e cabelos pretos lisos pouco acima dos ombros, sobrancelhas fartas e sorriso generoso, a moça tinha personalidade, e Jonas via nela uma sabedoria e um magnetismo particulares que ele não sabia explicar de onde vinham. Tinham a mesma idade — Isabel completaria 22 anos em setembro —, mas ela parecia estar à frente de seu tempo, e isso o intrigava, sobretudo porque a jovem tivera acesso ao estudo formal apenas até a quarta série do primário.

Embora tivesse vivido a infância e a adolescência isolada na roça, nas proximidades do município mineiro de Guararás, Isabel demonstrava ter muito conhecimento sobre a vida. Por isso, inspirava respeito, e Jonas e os colegas mantinham uma relação cerimoniosa com ela, que não dava espaço para brincadeiras. De temperamento forte, sempre trazia uma resposta afiada na ponta da língua e

De personalidade forte, a jovem Isabel chamava a atenção por onde passava

ninguém conseguia tirar farinha com a moça. Não demorou e a auxiliar de cozinha foi promovida, assumindo o controle de qualidade do leite e dos derivados analisados no laboratório. Assim, passou a ensinar os alunos a avaliar a quantidade ideal de gordura no queijo, no leite e na manteiga. Era responsável ainda pelo manuseio das amostras e por buscar o material de análise no setor de expedição.

Uma tarde, o professor Frode Madsen entregou uma requisição a ela. Precisava de mais leite para suas aulas. Isabel levou o pedido assinado por ele ao funcionário do depósito. Após entregar a ela o material solicitado, o rapaz cochichou com um colega:

— Pois é, eles pedem tudo para fazer exame do leite. Depois os produtos ficam por lá e ninguém sabe o que é feito deles.

Isabel, que já estava de saída, deu meia-volta e colocou na mesa do encarregado a lata de leite que acabara de pegar:

— O que o senhor falou?

— Nada não, estava só conversando aqui — despistou o funcionário.

— Repita o que disse, por favor, porque não entendi direito.

— Me desculpe, Isabel — respondeu o homem, sem graça.

— Eu não estou pedindo que o senhor me peça desculpas. Quero apenas que repita o que falou.

O funcionário tentou, em vão, encerrar a conversa e ajeitar o que não tinha conserto. Isabel, porém, não tinha concluído sua fala.

— Preste atenção ao que vou dizer ao senhor. Eu não lhe devo nada, apenas trouxe aqui a requisição do meu chefe. Ao contrário de alguns colegas que ficam fazendo candonga para ganhar a simpatia do diretor, eu conquisto a confiança dele com a dignidade do meu trabalho — disse ela batendo em retirada.

Desconcertado, o sujeito virou alvo de piada do colega que assistiu à cena.

— Gente, não é que ela acertou direitinho ao descrever as fofocas que você faz aqui, diariamente, para tentar ganhar pontos com o doutor Sebastião? Essa moça sabe mesmo das coisas — divertiu-se.

O encarregado não respondeu à provocação, ficando pensativo. Apesar da rapidez nas respostas incisivas, Isabel transmitia um bem-estar que atraía as pessoas para perto dela. Não à toa fora escolhida madrinha, por unanimidade, do time de futebol da Cândido Tostes — o que não era pouca coisa, já que o esporte era levado muito a sério por todos na instituição. Uma simples partida era disputada como final de campeonato nacional.

— Bom dia, Jonas — cumprimentou Isabel naquela manhã.

Vestida com um conjunto de saia e blazer bege sob o guarda-pó branco, ela se dirigia ao prédio em que trabalhava. Passava das sete e meia da manhã quando entrou no laboratório. Uma hora após o início das atividades no setor, o dano causado à centrífuga foi descoberto por um dos professores. Começaria ali uma longa busca pelos responsáveis.

Isabel posa com o time de futebol da Cândido Tostes, do qual foi eleita madrinha

Na hora do almoço, o nome de um aluno suspeito foi levado ao conhecimento do diretor. O jovem negou ter quebrado o equipamento, mas ninguém acreditou nele, uma vez que em sua ficha escolar já constavam duas advertências disciplinares.

Isabel acompanhou a confusão e, incomodada com a possibilidade de se praticar uma injustiça com o aluno acusado de negligência, deixou o laboratório em silêncio e seguiu na direção do prédio administrativo. Andou por vários setores até avistar Lúcio e Romero no corredor. Aproximando-se deles, foi direto ao ponto:

— Vocês vão deixar isso acontecer?

— Acontecer o quê, Isabel? Do que você está falando? — indagou Lúcio.

— Estou falando da peça que foi quebrada no laboratório — rebateu Isabel. — Estão dizendo que o colega de vocês fez isso. O moço já está em uma situação difícil aqui. Vão permitir que ele seja expulso por algo que vocês fizeram? Pensem no remorso que irão sentir...

— Quem te contou? — perguntou Lúcio, e virando-se furioso para o amigo: — Eu não acredito que você contou a ela! Como pôde me trair desse jeito?

Romero desesperou-se:

— Lúcio, eu jamais faria isso. Não contei nada a ninguém, eu juro.

— E como a Isabel descobriu? Quem contou a ela se apenas nós dois sabíamos?

Isabel levou um susto.

— Meu Deus, é verdade. Ninguém me contou. Então, como é que eu sei?

Sem compreender, como em outras ocasiões, o que estava se passando consigo, a jovem afastou-se dos rapazes, que ainda discutiam entre si, duvidando da lealdade um do outro quanto ao pacto de silêncio que haviam selado. No dia seguinte, eles se apresentaram à direção da fábrica escola e assumiram a responsabilidade pela danificação da peça. O aluno equivocadamente acusado teve sua expulsão revista e o gesto de honestidade da dupla, supostamente espontâneo, foi recompensado: eles receberam apenas uma suspensão. Ninguém jamais desconfiou da interferência de Isabel na história, mas o episódio teve forte impacto sobre ela própria.

Sem saber como a informação sobre a farsa armada por Lúcio e Romero chegara até ela, a funcionária do laboratório começou a se sentir diferente das outras pessoas. Com medo de si mesma, retraiu-se e se distanciou de todos na escola.

2.

VENDO "COISAS"

18 — *Zábel*! *Zábel*! — gritou Chaíde Chible Salomão da varanda do casarão erguido no alto da chapada da Fazenda da Forquilha.

De lá de cima, a imigrante libanesa mirou o naco de terra do antigo Sertão de Rio Novo, região localizada a cerca de 50 quilômetros de Juiz de Fora. Procurou até onde a vista alcançava, mas não conseguiu enxergar a filha. Como já estava anoitecendo, Chaíde não queria a menina, de apenas 9 anos, andando sozinha pelo pasto. Tinha medo que fosse atacada por algum animal e tratou de ir buscar a lamparina de querosene na cozinha, caso precisasse iluminar as ideias e o trajeto até o moinho do engenho.

Em 1933, a luz elétrica ainda não chegara àquele povoado, a apenas cinco quilômetros de Guarará, embora a Usina de Marmelos, a primeira hidrelétrica a ser construída na América do Sul, ali pertinho, funcionasse havia 44 anos. Quando já punha o xale preto sobre a roupa simples da lida para sair, Chaíde ouviu passos apressados no assoalho de tábuas corridas da sala, ampla mas sem luxo

como o resto da casa, de cinco quartos e um banheiro. Os passos eram da filha, que a chamava.

— Mãe!

— *Zábel*, onde você estava, menina doida? Você sumiu!

— Na casa da dona Luzia, mãe.

— E o que você estava fazendo lá? — quis saber a mulher, as mãos miúdas na cintura.

— Conversando, mãe. Ela pediu.

— Mas o que uma velha daquelas quer conversar com uma criança?

— Eu não sei, mãe. Conversamos sobre a vida e acho que ela gostou bem, porque ficou feliz.

— Sobre a vida? E o que você entende disso, *Zábel*? *Bensa* bem. Era só o que me faltava — disse Chaíde, trocando o "p" pelo "b".

Embora estivesse radicada no Brasil havia duas décadas, a matriarca da família Salomão ainda tropeçava no português, muito diferente do árabe. Por isso ela agregou a esse caldo cultural um sotaque típico e, por que não dizer?, divertido. A menina olhou para a mãe sem saber o que responder às perguntas dela. Não era a primeira vez que ela era chamada pelos adultos para conversar. Além de dona Luzia, outras mulheres de trabalhadores rurais já haviam procurado Isabel para ouvi-la. E ela sempre atendia. Mais do que isso, Isabel benzia as pessoas. Apesar de morar no fim do mundo, já que a Fazenda da Forquilha era isolada — como tantas outras dos recôncavos da Zona da Mata Mineira —, ela logo ficou conhecida na região.

— A menina está? — perguntou certa vez um lavrador que chegou até a porteira da fazenda a pé, com as calças dobradas na altura dos tornozelos, chapéu e um pedaço de pano amarrado em torno do rosto deformado por um inchaço.

Com os pés mergulhados no brejo onde o arroz era cultivado pela família, Isabel avistou o homem, deixou sua tarefa e cruzou correndo o terreno até alcançar a entrada.

— Seu Joca, o que aconteceu com seu dente?

O homem, que desconhecia as letras, surpreendeu-se com a pergunta. Como Isabel adivinhara que seu problema era no dente?

— *Fia*, eu nem falei *procê* o que eu tinha! Mas é dente, sim. Tá doendo demais desde ontem. Pensei em arrancar com alicate, mas não consegui. *Cê* pode me ajudar?

Isabel não hesitou. Saiu procurando folhas pelo chão e o coitado a seguiu em silêncio. De formação católica, religião predominante na área que se desenvolveu em torno da histórica Capela-Mor do Divino Espírito Santo, ela pegou uma planta e caminhou na direção do ribeirão que dava nome à fazenda. Banhou as folhas e as balançou sobre o enfermo, que, de maneira respeitosa e espontânea, ajoelhou-se, encostando o chapéu no peito. Com os olhos apertados e a cabeça baixa, Joca recebeu a "bênção" e foi embora. Antes de chegar à porteira, já não sentia o dente latejar. De longe, segurando o chapéu com a mão direita, acenou para a criança em forma de agradecimento. Ela sorriu e voltou em disparada para a plantação onde trabalhava ao lado do pai e dos irmãos homens.

A notícia sobre a existência da pequena benzedeira foi se espalhando entre os arraiais vizinhos. Alheia ao que falavam dela, Isabel tratava os pedidos com naturalidade. Para ajudar os doentes, também caçava tatuzinho da terra, assava o bicho na chapa, torrava e moía. Misturava o pó em um chumaço de algodão e entregava a adultos chorosos que não tinham acesso a remédios. Como dentista era raridade, ainda mais na roça, ela pedia que eles colocassem aquele preparado no dente ruim. Nem ela sabia de onde tirara essa ideia, mas, em um dia ou dois, o indivíduo estava pronto para retornar ao roçado. Outras vezes, Isabel colhia ervas na horta e as receitava como chá para todo tipo de mal-estar — de dor de cabeça a problema de espinhela. O futuro da filha preocupava os pais.

Encerrando a conversa iniciada na sala com Isabel, Chaíde decretou:

— *Zábel*, minha filha, vai se trocar para o jantar. Seu *bai* e seus irmãos já chegaram e eu estava só *esberando* você. Vem logo, *borque* sua irmã está colocando a mesa.

Ela atendeu ao pedido da mãe. Enquanto Isabel trabalhava na lida, mesmo sendo criança, sua irmã, treze anos

mais velha, ocupava-se das tarefas domésticas. Primogênita, Rhamiza foi a única dos dez irmãos a nascer no Líbano. No Brasil, onde foi registrada, passou a se chamar Zoreth, já que o escrivão não conseguiu entender o nome original ditado pelo pai dela, o libanês Nagib Salomão.

Foram os pais de Nagib que elegeram o Brasil para morar. Salomão Couri Abraão e Farfura Abraão vieram na frente do filho, escolhendo Minas Gerais para recomeçar a vida longe da perseguição política que alcançara a família na terra natal. Prefeito no Líbano, Abraão deixou Abedet, cidade onde o filho se casou com Chaíde no final de 1909, por conta da crescente disputa pelo poder em sua região. Depois de São Paulo, o Rio de Janeiro e Minas Gerais foram os estados brasileiros que mais receberam imigrantes árabes, em especial sírio-libaneses, a partir do final do século XIX. Calcula-se que em 1900 havia cerca de 5 mil árabes no país, a maioria fugindo da violência e do longo período de dominação imposto pelo Império Turco-Otomano.

Após ser convocado pelo pai a deixar o Líbano, por questão de segurança, Nagib viajou sozinho para o Brasil. Tinha 22 anos quando saiu do Oriente Médio com o compromisso de preparar o caminho para a vinda da esposa, que estava grávida. De altura mediana, era magro, porém forte, tinha cabelos negros, lábios finos e nariz bem desenhado. Culto, falava fluentemente o francês além do árabe. Chegou ao porto do Rio de Janeiro no início de 1911, pouco antes do nascimento da primeira filha. Rapidamente se afeiçoou à região escolhida pelo patriarca Abraão. Chaíde seria chamada meses depois. Aos 19 anos, muito bonita, ela e sua bebê levaram mais de trinta dias viajando. Saíram do Líbano ao lado de duas irmãs de Chaíde, que deixavam o país acompanhadas de seus respectivos maridos, mas cada uma seguiu para um destino diferente.

Depois de Rhamiza (Zoreth), Chaíde ainda daria à luz José Nagib, Fued (Faúda), Arlindo (Doca), Felício, Isabel, Ouadi (Dadu), Jamil, Abrahim e Salomão. Como é tradição entre os sírio-libaneses, todos os filhos de Chaíde têm no sobrenome o prenome do pai (Nagib). Assim como o so-

O casal de imigrantes sírio-libaneses Chaíde e Nagib

brenome de Nagib era Salomão porque esse era o prenome de seu pai. Com um clã formado por duas meninas e oito varões, Nagib batia no peito para dizer que era mais patriota que os nascidos em solo verde-amarelo. Não se cansava de repetir:

— Eu não *é* estrangeiro. Eu *é* brasileiro. Eu dei oito soldados *bra* Brasil.

Chaíde, que cobria o marido de atenção e mimos, sofreu bem mais que ele para se acostumar ao exílio. Os pais de Nagib moravam perto, mas os de Chaíde haviam ficado no Líbano. A imigrante carregava a dor de nunca mais tê-los visto e de jamais ter retornado à cidade em que morava, Lehfeld, a 55 quilômetros ao norte da capital, Beirute. Descobriria que esse sentimento, que marcaria para sempre a sua vida, no Brasil recebia o nome de saudade. Os pais dela morreram sem saber se a filha e a neta, das quais se despediram no porto do Líbano, tinham conseguido cruzar o Mar Mediterrâneo em segurança. Com a dificuldade de comunicação na época, ela nunca mais teve notícias de suas duas irmãs — sabia apenas que uma seguira para os Estados Unidos e a outra, para a Argentina. Por isso ela tentava recriar, em pleno

sertão mineiro, um núcleo árabe. Nem que fosse por meio da comida oferecida aos seus.

Chaíde caprichava nos quibes que enrolava com a ponta do dedo indicador. Preparados com trigo, carne, hortelã e pimenta, eram enfileirados um a um nos tabuleiros. O arroz, colhido na própria fazenda, era transformado em mijadra, um dos pratos mais tradicionais do Líbano — misturado com lentilha e coberto por fatias finas de cebola frita, era servido acompanhado de coalhada seca feita de leite fermentado. O pão árabe, preparado normalmente com farinha, era recriado com o fubá produzido no moinho da fazenda. Chaíde manuseava a massa trocando de mãos com agilidade. Quanto mais redondinho ficasse o pão, mais gostoso. Depois de assado na chapa e colocado sobre a peneira de palha, permaneceria ali até ser saboreado.

Mesmo que tentasse resistir ao processo de aculturação, Chaíde sofria influência da culinária brasileira. Como ela e sua família viviam do que plantavam na horta, a libanesa precisou se render às receitas locais. Feijão-preto era uma de suas especialidades. Ao invés de cozinhar o grão no fogo alto, como os vizinhos, ela deixava a panela noite adentro sobre a brasa que restava da lenha no fogão, o que dava um sabor especial ao cozimento. E o que dizer da carne de porco mergulhada na lata de gordura? Em tempos livres de colesterol, os Salomão se reuniam sem frescuras em torno da mesa de madeira montada estrategicamente perto do fogão a lenha, onde todos se aqueciam nas noites frias das Gerais. Não à toa a cozinha era um dos cômodos mais disputados do casarão.

Quando a lua cheia iluminava a fazenda, Chaíde costumava chamar os filhos para o quintal após o jantar. Acendiam uma fogueira e as chamas podiam ser vistas de longe. Ela, então, deitava-se no chão cruzando as mãos por baixo da cabeça. Mirando o céu, esquecia-se da hora olhando as estrelas. Ao lado dela, geralmente estavam Isabel, Zoreth e Faúda. De olhos fechados, a mãe cantarolava músicas árabes junto com o filho e elas soavam como um lamento. Chaíde buscava, na memória, Lehfeld, o muni-

cípio do distrito de Jibeil, onde cresceu experimentando uma vida alegre e de luxo. Vagando o pensamento pelo Monte Líbano, quase podia sentir o cheiro das árvores de cedro gigantes da montanha e ouvir o rumorar dos rios al-Madfon e Nahr Ibrahim. Católica convicta, ela não se esquecia da última frase que ouviu da mãe durante a despedida, no porto do Líbano:

— Que Deus esteja sempre com vocês!

Chaíde secava os olhos úmidos, não queria que os filhos a vissem chorando. Saía de perto da fogueira e, voltando à realidade da roça, colocava a prole toda para dentro. Quando as portas e as janelas de madeira da casa pintada de branco eram finalmente fechadas, a Fazenda da Forquilha mergulhava em silêncio. Apenas Nagib ainda daria uma rápida saída, de madrugada, para armar a rede no ribeirão em busca de lambari e traíra.

Ao amanhecer, em geral eram os mugidos de Galante e Malhado que acordavam Isabel. Os dois animais puxavam lenha na Forquilha presos ao cabeçalho do carro de boi. Do quarto que dividia com a irmã mais velha, ela sentia o cheiro do feijão cozido sobre a brasa. Levantava-se rapidamente da cama, colocando o vestido dependurado na arara (apenas no dormitório dos pais havia guarda-roupa). Como Nagib só deixaria Isabel frequentar a escola quando o filho Dadu, quatro anos mais jovem que ela, ganhasse idade para ser também matriculado, ela não estudava, embora já tivesse 9 anos. Além da lida, a menina não abria mão de colaborar nas tarefas domésticas. Aprendera a costurar com a mãe e fazia roupa para as bonecas de pano de outras crianças, já que ela mesma não gostava de brincar com coisa alguma que imitasse o ser humano. Para ela, brinquedo não deveria ser parecido com gente.

Chaíde já estava na cozinha quando Isabel se equilibrou na ponta dos pés para espiar dentro da panela o caldo grosso e saboroso, cujos caroços desmanchavam em contato com a boca. O feijão seria a primeira refeição da família, prato acompanhado por uma xícara de café triturado na moenda, passado com água quente no coa-

dor e misturado ao leite que vinha do curral. Lá fora, a bruma branca encobria tudo, apesar de já ter amanhecido. Feita a refeição, Nagib e os meninos saíam para a roça. Chaíde ia em seguida e, para se proteger da chuvica, punha um lenço na cabeça, de onde escapavam seus volumosos cabelos pretos. Recorria ao acessório tanto em dias chuvosos quanto nos de muito sol. A vida dura no campo não apagara a sua beleza natural, ressaltada por traços tipicamente árabes. Ela ainda tinha nos olhos amendoados o mesmo brilho que fizera Nagib apaixonar-se à primeira vista.

Isabel adotara o hábito da mãe e também usava lenço. Por outro lado, implicava com os sapatos. Ela adorava sentir a terra ao caminhar descalça e eles a machucavam em longos trajetos. Quando as duas chegavam na horta, o solo já estava devidamente arado pelos rapazes a fim de receber as mudas de jiló que mãe e filha levavam para plantar. Acocoradas em meio ao lavradio, elas passavam a maior parte da manhã no cultivo do alimento que parece um legume, mas é fruto. Na época da colheita, Isabel arrancava o jiló da terra, lavava-o na bica e o comia cru como se estivesse saboreando um manjar, apesar do gosto amargo. Às vezes a menina era realmente esquisita.

Como de costume, Chaíde pediu à filha que fosse até o casarão buscar o almoço de Nagib e dos irmãos. Zoreth, 22 anos, é quem preparava a comida e já devia estar tudo pronto. Isabel conhecia o caminho para casa de trás para a frente e ficava feliz por cumprir essa tarefa. Apaixonada pelo pai, não tinha liberdade para demonstrar carinho, a não ser nos momentos em que ele pedia que as filhas fizessem cócegas em sua careca. Fora isso, não havia muito contato físico. Por isso levar café e comida para ele era o pretexto que a menina tinha para ficar próxima do fazendeiro, cuja atenção em geral estava mais voltada para os filhos homens.

Isabel caminhava em meio ao cafezal em direção ao casarão quando teve a impressão de ouvir vozes. Parou, surpresa, próxima a um arbusto, constatando que estava

sozinha. Em seguida, porém, viu o rosto de um homem de barba e cabelos brancos que não lhe causou medo, a não ser pelo fato de a aparição ter sido repentina e em meio à plantação. “De onde ele saiu?”, pensou.

Ela o encarou sem coragem de perguntar o que fazia no cafezal. Num gesto automático, olhou para trás na esperança de ver algum familiar. Quando se virou novamente para o homem, não havia mais ninguém ali. O coração dela acelerou. Isabel procurou ao redor e, como não avistou nada, continuou sua marcha. O silêncio era rompido apenas pelo som das folhas pisoteadas por seus passos apressados. Entrou correndo na sede da fazenda.

— Zoreth, você viu alguém estranho entrar aqui?

— Como assim, Isabel?

— Alguém diferente, uai!

— Tipo quem?

— Se eu soubesse, não perguntava.

— Não vi ninguém, minha irmã. O que houve?

Confusa, a mais nova decidiu não falar nada. Tinha receio de assustar a outra, que, apesar de bem mais velha, parecia mais frágil. Franzina e quieta, ela era o seu oposto.

— Não houve nada, Zoreta Cruzeta — despistou Isabel, brincando com o apelido de Zoreth e encerrando a conversa. — Achei que vi alguma coisa, mas deve ter sido impressão minha.

Zoreth deu de ombros, retomando a organização da refeição. Próxima do fogão a lenha, Isabel ficou pensativa. Após pegar as vasilhas de comida embrulhadas em uma toalha de mesa, decidiu dar uma volta ao largo do terreno. Por via das dúvidas, mudaria o trajeto. Não passaria de novo pelo cafezal. Pelo menos não naquele dia. Estava decidida a esquecer.

No dia seguinte, evitou sair. Chaíde achou estranho, mas a filha justificou-se dizendo que precisava dar andamento à costura do couro que serviria de acabamento para os tamancos de madeira fabricados pelo pai no subsolo do casarão, não só para uso na fazenda como também para venda, a fim de engordar o orçamento familiar. Isabel disse que ficaria em casa para alinhavar, na máquina,

as tiras que seriam presas aos calçados, um ofício que lhe fora ensinado pela mãe. E, de fato, ela ficou no porão. Quando a família voltou do campo, Isabel respirou aliviada, mas por pouco tempo. Na hora do jantar, com todos sentados à mesa nos bancos de madeira da cozinha, ela percebeu uma grande movimentação em torno da casa. Em seguida, notou um rosto na janela.

— Pai, corre. Tem uma cara grande na janela.

Nagib deu um salto do banco. Pegou a espingarda, chamou os poucos empregados e saiu correndo pelo varandão. Logo, montados a cavalos, eles fizeram uma varredura no entorno da propriedade. Só voltaram quase uma hora depois.

— *Zábel*, nós não achamos nada.

— Mas, pai, eu vi.

— Viu o quê, menina?

— Um rosto na janela.

— Mas *bor* que só *ucê* viu?

— Não sei, pai. Só sei que eu vi.

— Nós *bercorremos* tudo e não encontramos nenhum sinal de ladrão.

A menina olhou para o pai, desapontada. Tinha certeza de que presenciara uma cena real. Por que então ninguém viu?

Aquela noite demorou a passar para todo mundo. Nagib estava preocupado com a segurança da fazenda; Chaíde, com a visão da filha; e os irmãos, com a quebra da rotina. Apesar do desconforto provocado pelo episódio, ninguém mais comentou o assunto. Isabel também não. Como havia chegado o tempo da colheita de café, a menina buscou no porão o cesto de palha para iniciar a derriça. Prendeu-o ao corpo e ali foi jogando os frutos que ia retirando dos galhos. Suas mãos deslizavam céleres sobre as folhas e rapidamente seu cesto ficava cheio de frutos avermelhados.

Havia muito a fazer e as horas passavam depressa no cafezal. Quando Nagib anunciou uma pausa para o descanso, tomaram café com bolo ali mesmo. Depois Isabel e Faúda deram um pulo até o ribeirão. Equilibraram-se so-

bre as pedras e se aproximaram do leito. Isabel sentou-se na beira e mergulhou os pés na água. Enquanto divertia-se com as mordiscadas dos lambaris, o irmão a observava.

— Isabel, eu posso gostar muito de uma moça, mas se ela tiver pé feio igual ao seu não caso de jeito nenhum — disse, soltando uma gargalhada.

Ela não deixou por menos e recorreu ao apelido gozado que os irmãos haviam dado a Faúda a partir das letras de seu nome.

— Baú Furado — repetiu várias vezes.

Os dois ainda riam da brincadeira quando a menina viu, perto da passagem que dava acesso aos fundos da lavoura, a chegada de diversos cavaleiros. Estranhou, porque sabia que o pai não esperava visitas.

— Pai, corre aqui — gritou. — Tem vários cavaleiros dentro da fazenda.

Nagib aproximou-se da menina e olhou para onde ela indicava.

— Minha filha, a cerca lá da estrada continua fechada. Como vai ter cavaleiro aqui?

— Eles estão indo em direção à grota. Eu até contei. São vinte.

Preocupado com uma possível invasão, Nagib pediu a um funcionário que o acompanhasse até a região conhecida como vargem. Já que não havia saída no local, tinham certeza de que conseguiriam cercar o grupo. Ambos apertaram o passo, contudo, ao chegarem lá não encontraram nem sinal dos homens descritos pela filha.

Nagib não sabia o que pensar. Isabel sempre fora tão responsável e agora estava dizendo coisas que não faziam o menor sentido.

— Minha filha, não achamos nada lá — afirmou ao voltar para o ribeirão.

— Como não, pai? Eles foram para a grota. Eu vi.

— *Zábel*, quem está colocando essas coisas na sua cabeça?

— Pai, eu vi — insistiu ela, agoniada.

— Não é *bossível*. Tantos homens e cavalos assim seriam notados a distância *bor* mim ou *bor* qualquer um dos seus irmãos. Só *ucê* diz ter visto eles.

— Eu jamais mentiria para o senhor ou para qualquer pessoa.

— Eu sei, *Zábel*, *bor* isso *breciso* que me diga: quem está colocando essas ideias na sua cabeça?

A filha de Nagib ficou angustiada. O que estaria se passando com ela? O problema, porém, estava longe de desaparecer. Um ano depois ela ainda não sabia que nome dar ao que enxergava:

— Pai, as "coisas" estão chegando. As coisas estão falando...

— Que coisas são essas, minha filha, que *ucê* vê e escuta e a gente que está aqui, eu e seus irmãos, nenhum de nós está vendo? — indagava o pai, já um tanto irritado com a repetição daquelas histórias. — Isso não existe. Quem *bôs* isso na sua cabeça? *Ucê* está inventando moda.

Nagib estava decidido a procurar um médico, uma raridade na região. A interiorização do ensino da medicina no país só ocorreria na década de 1950, mas o fazendeiro libanês teve sorte e encontrou um clínico em Guarará. Ele examinou a menina atentamente.

— Seu Nagib, sua filha não tem nada não. Isso aí é próprio da idade dela. É crise de menina-moça — disse o profissional, tentando explicar o que nem ele conseguia entender.

O fato é que, desde aquele primeiro episódio no cafezal, a menina nunca mais se viu sozinha.

Nascida no interior de Minas Gerais, em 1924, Isabel Salomão de Campos é da primeira geração de brasileiros de uma família de imigrantes libaneses. Criada na simplicidade da fazenda, desde pequena a menina mostrou ser diferente. Aos 9 anos via e ouvia coisas que não conseguia explicar, benzia pessoas sem acesso a remédios e a cuidados médicos, e, aos 14, conseguiu sozinha a autorização do prefeito de sua cidade para criar uma escola para os filhos dos colonos. A professora seria ela própria.

Foi no início da vida adulta que Isabel teve um entendimento mais amplo da sua vocação. Quando descobriu que as tais "coisas" que via desde a infância eram espíritos se comunicando com ela, fazendo-a ter medo de ser considerada perturbada pela sociedade e despachada no "trem de doido", Isabel deu início a um longo processo de aprendizado no espiritismo. Sua vida foi entremeada ainda pelos desafios do casamento e da criação dos filhos, além da luta contra o preconceito religioso e contra a invisibilidade imposta às mulheres. Obstinada, fundou a Casa do Caminho, um centro não só para celebração da sua fé, mas que também realiza um extenso trabalho voltado a crianças e famílias em situação de vulnerabilidade social.

Jornalista investigativa premiada, conhecida por dar voz aos excluídos, Daniela Arbex remonta a história de Isabel e de muitos dos que foram influenciados por seu trabalho. Entre relatos de fé, cura e conforto espiritual ou de simples admiração por uma vida inteira dedicada ao outro, *Os dois mundos de Isabel* é uma biografia que dialoga com muitas histórias brasileiras. Com prefácio de Caco Barcellos, o livro é, sobretudo, uma narrativa de coragem. Em tempos de violência e intolerância, falar sobre uma mulher que lutou com a única arma que tinha — o amor — é, no mínimo, revolucionário.

Saiba mais em:
www.intrinseca.com.br/livro/979